

HISTÓRIA POLÍTICA REGIONAL: SOLEDADE NA DÉCADA DE 1930.

Fabian Filatow
ffilatow@ig.com.br

RESUMO:

O artigo tem como objetivo analisar as possíveis relações existentes entre o movimento dos Monges Barbudos e o contexto político regional do Planalto Médio gaúcho ao longo da década de 1930. Nesta perspectiva, a história regional contribui para uma melhor compreensão da complexa realidade política vigente na região de Soledade. O estudo da política regional nos possibilita fomentar algumas interpretações sobre os motivos da repressão imposta ao movimento sócio-religioso no período de consolidação do Estado Novo.

Palavras-chave: História Política, História Regional, Revolução Constitucionalista, Monges Barbudos.

ABSTRACT:

The article aims to analyze the possible relationship between the movement of Monges Barbudos and regional political context of the Planalto Médio Gaúcho in the decade of 1930. In this perspective, regional history contributes to a better understanding of the complex political reality prevailing in the region of Soledad. The study of regional policy enables us to foster some interpretations of the motives of repression imposed on the socio-religious movement in the consolidation period of the Estado Novo.

Keywords: Political History, Regional History, Constitutional Revolution of 1932, Monges Barbudos.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo teve como proposta analisar o contexto político do município de Soledade (RS) ao longo da década de 1930. A delimitação cronológica se insere entre os anos de 1932 e 1938. A justificativa para o uso desta delimitação temporal está nos acontecimentos políticos que ocorreram na região aqui em estudo. Em 1932 o município de Soledade teve participação impar na Revolução Constitucionalista deflagrada naquele ano, posicionando-se favorável à causa paulista. Inserido no período de consolidação do Estado Novo ocorreu à repressão ao movimento dos Monges Barbudos. Buscamos, assim, aprofundar o estudo sobre este período de tempo inserido no espaço regional almejando refletir sobre algumas possibilidades que poderiam ter contribuído para a repressão efetuada ao grupo religioso.

Ressaltamos que não foi nossa intenção efetuarmos um estudo aprofundado sobre a Revolução Constitucionalista, assunto sobre o qual existe uma vasta historiografia. Nosso intuito foi refletir sobre os possíveis significados e desdobramentos na política regional advindos da participação de Soledade na Revolução de 1932 defendendo a causa da constitucionalidade do país.

Neste sentido, nos dedicamos a analisar as possíveis motivações que constituíram as bases políticas e ideológicas da Frente Única de Soledade chegando à ruptura político-militar com o governo provisório de Getúlio Vargas e com o governo do interventor federal no Rio Grande do Sul, General José Antônio Flores da Cunha.

Visando uma melhor organização a reflexão proposta, analisamos o contexto nacional-regional da década de 1930, tendo um olhar direcionado para 1932 e seus desdobramentos na política regional. Em seguida, analisamos os acontecimentos políticos ocorridos nas eleições de 1934 em Soledade. Na etapa final do texto, analisamos a ocorrência dos Monges Barbudos inseridos neste contexto político.

2. REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932 E SEUS DESDOBRAMENTOS NA POLÍTICA REGIONAL

A Revolução de 1930 foi concebida e marcada pela historiografia como um momento de ruptura entre o modelo vigente no período da Primeira República e os anos subsequentes a Revolução. Sendo que ao primeiro período é atribuído o tempo de predomínio do poder das

oligarquias estaduais, da vigência do coronelismo. O período da Segunda República, por sua vez, é caracterizado por um processo de acentuada centralização política, no qual se fez presente o nacionalismo e o autoritarismo político. Período no qual ocorreu a industrialização e a modernização do Estado Nacional.

Discordando desta visão dicotômica, Luciano Aronne de Abreu (2007, p. 173), refletindo com Boris Fausto, apresenta que “a Revolução de 3 de outubro não foi a expressão de uma oposição radical entre os interesses agrários e industriais, pois havia uma complementaridade entre esses setores”. Ainda segundo Abreu, “pode-se afirmar que a formação de um Estado de Compromisso não ocorreu durante o chamado Governo Provisório, mas se estendeu por toda a Era Vargas, sendo uma de suas principais marcas.” (ibidem.)

Getúlio Vargas chegou ao poder nacional com a Revolução de 1930. A plataforma proposta pela Aliança Liberal contribuiu para uma maior aproximação entre os grupos políticos que compuseram a Frente Única, visto que se baseava em questões amplas e de interesse nacional, tais como a legislação eleitoral, constituição de um Código do Trabalho, redefinição da política do café entre outros pontos.

A ruptura proposta na plataforma da Aliança Liberal não se efetudou, ao invés disto, ocorreu um rearranjo do poder na esfera nacional. Vargas tinha por princípio a manutenção do poder nacional e seu posto de chefe da nação, iniciando um processo político centralizador e autoritário, que teve sua expressão plena na instauração do novo regime político imposto ao país com a decretação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937¹.

Nos primeiros sete anos de seu governo Vargas enfrentou forte oposição. O centralismo político e sua forma autoritária de governar compuseram os pontos principais das críticas oposicionistas. Entre os oposicionistas estavam alguns ex-companheiros que o apoiaram quando da ocorrência da Revolução de Outubro, como por exemplo, significativa parte dos políticos que compuseram a Frente Única Gaúcha.

A Revolução Constitucionalista de 1932 se configurou num destes momentos de oposição ao projeto autoritário e que questionou o poder nacional nas mãos de Getúlio Vargas. Sob o discurso da constitucionalização do país, e de forte cunho liberal, diversos dissidentes e opositores se uniram à revolução, liderada pelo estado de São Paulo. Compondo

¹ Para uma discussão historiográfica sobre a definição política do regime do Estado Novo indicamos o texto de GERTZ, René. Estado Novo: ditadura, autoritarismo ou totalitarismo? In: AXT, Gunter; SEELIG, Ricardo Vaz et al. (orgs.). *Da vida para a história: reflexões sobre a era Vargas*. Porto Alegre: Procuradoria-Geral de Justiça, Memorial do Ministério Público, 2005. p. 195-210.

as fileiras oposicionistas se encontrava o município gaúcho de Soledade. O grupo oposicionista soledadense era composto por membros da Frente Única de Soledade.

O significado do posicionamento político assumido por Soledade é de importância impar para a melhor compreensão e discussão da história política regional gaúcha, pois permite uma análise das relações regional-local e deste com o nacional.

No âmbito da política regional, a Frente Única Gaúcha, composta pelo Partido Republicano e pelo Partido Libertador, apoiou Vargas na Revolução de 1930² e se mantinha unida ao governo do interventor Flores da Cunha. Com a eclosão da Revolução de 1932, na qual o apoio e efetiva participação do Rio Grande do Sul à causa constitucionalista era tida como certa, gerou grave crise política no estado gaúcho. Segundo Adriana Iop Bellintani, “(...) a fase preparatória para a Revolução Constitucionalista de 1932 depositava suas esperanças de sucesso na figura do interventor Flores da Cunha, bastante atuante na Revolução de 1930, e de função primordial na arrematamento de forças.” (2002, p. 25)

Jeziel de Paula (1998, p. 230) destacou a participação de destacados políticos gaúchos em prol da causa constitucionalista na Revolução de 1932, “(...) mesmo que em 1930 Borges de Medeiros (...) e Raul Pilla, (...) estivessem unidos na Aliança Liberal, em 1932, estariam estas personalidades gaúchas do lado dos paulistas.”

Com a ocorrência da revolta paulista ocorreu uma forte alteração no cenário político gaúcho, devido a uma inesperada mudança de planos do interventor Flores da Cunha. Este se posicionou política e militarmente favorável à Vargas, disponibilizando ao governo federal o efetivo militar estadual, composto pela Brigada Militar e Corpos Provisórios, a fim de combater os revoltosos constitucionalistas.

O posicionamento político assumido do interventor federal desencadeou grave crise política no estado gaúcho, trazendo a tona uma cisão política entre os participantes da Frente Única Gaúcha. Os frenteunistas passam a designar Flores da Cunha como traidor político do Rio Grande do Sul. Pois, além de apoiar a ditadura de Vargas, Flores da Cunha se aproveitando do momento, providenciou a criação de uma nova legenda partidária, o PRL. Para Carlos Roberto da Rosa Rangel (2001, p. 90), “Flores da Cunha encontrou na revolução de 1932 o artifício necessário para revitalizar a estrutura de cooptação e coerção do modelo

² Segundo Trindade “esta aliança que viabilizará o suporte político regional em apoio a candidatura Vargas, não dissolverá as estruturas partidárias subjacentes, nem superará a clivagem político-ideológica que persistira ao longo do período”. TRINDADE, Hégio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). RS: Economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 167. Pensamos que os acontecimentos de 1932 em Soledade contribuíram para demarcar a existência desta clivagem política.

borgista, (...), substituindo o domínio hegemônico do Partido Republicano por uma outra agremiação partidária disciplinada pelo chefe de governo – o Partido Republicano Liberal (...)”. A instauração do partido teve como função legitimar o apoio de Flores da Cunha a Getúlio Vargas sem que este enfrentasse uma indisposição com o seu antigo Partido Republicano.

3. O MUNICÍPIO GAÚCHO DE SOLEDADE E A REVOLUÇÃO DE 1932

Os primeiros encaminhamentos originados pelos descontentes com os rumos dados na política nacional, após a ocorrência da Revolução Liberal de 1930, partiram do Rio Grande do Sul. No ano de 1931, Borges de Medeiros enviou uma correspondência ao chefe do Governo Provisório e alertou sobre os perigos da continuidade indefinida do regime de exceção. O documento apontava os equívocos e desvios da ditadura e apontava uma fórmula política para solucioná-los: cumprir o Programa da Aliança Liberal, eleições e constituição. A Frente Única Gaúcha promoveu uma campanha em favor do fim da provisoriedade do governo de Vargas.

Em 1932, o Rio Grande do Sul expôs sua cisão política frente ao plano político centralizador e autoritário de Getúlio Vargas. Opondo-se ao prolongamento da ditadura, a Frente Única de Soledade deu início à contestação armada ao projeto. Rebelando-se contra a decisão tomada pelo interventor Flores da Cunha que foi cooptado pelo interesse de obter apoio do governo federal e em prol da manutenção do seu governo no estado gaúcho.

O general Candido Carneiro Júnior³, conhecido como Candoca, foi proclamado General Comandante em Chefe das Forças Revolucionárias Constitucionalistas de Soledade lançou um manifesto revolucionário ao povo gaúcho no qual podemos perceber a ideia de que a Revolução no Rio Grande do Sul teria grande adesão entre os municípios gaúchos.

(...) A terra heróica de Soledade, atendendo à voz dos Partidos Republicano e Libertador e honrando suas tradições, levanta-se hoje de armas na mão pela restauração da ordem do regime legal no Brasil. Estamos com uma Brigada de um efetivo superior a mil e quinhentos homens armados, cheios de ardor e fé cívica, para sustentar ao lado de outros municípios que, como o nosso, se acham empenhados no movimento revolucionário constitucionalista, a palavra de honra do Rio Grande! (PAULA, 1972, p.26)

³ Ocupava o posto de tenente-coronel, comandante do 33º Corpo Auxiliar. Recebeu verbas da Brigada Militar para organizar um corpo auxiliar, mas as utilizou na revolta, no final do conflito foi condenado a repor a quantia.

Destacamos a presença do compromisso com os chefes políticos, a crítica à ditadura e os motivos políticos e ideológicos que os impeliram a se rebelar:

Os compromissos assumidos pelos Chefes eminentes Borges de Medeiros e Raul Pilla, que representam a totalidade da população riograndense, é que nos levaram a lutar ao lado do heróico povo de São Paulo, nesta memorável jornada cívica, contra uma ditadura funesta e nefasta aos destinos da nacionalidade. Borges de Medeiros, o excelso varão republicano, e Raul Pilla, a individualidade estuante de fé e ardor pela Liberdade, se acham em campo para a defesa dos mesmos ideais, que nos animam! (PAULA, 1972, pp.26-27)

Segundo o manifesto, obtemos a informação de que os planos militares dos revoltos de Soledade não se restringiam ao município, planejava-se a ocupação de municípios próximos, “duas de nossas divisões marcham para invadir os municípios de Carazinho e Passo Fundo” (PAULA, 1972, p. 27).

Num telegrama datado de 3 de setembro de 1932, enviado ao interventor Flores da Cunha, o general Candido Carneiro Júnior, foi possível obter a informação da ocorrência de um confronto entre os revoltosos e as forças estaduais. O referido confronto ocorreu na localidade conhecida como “Paço do Rocha”, no qual foram mortos oito homens. Candido Carneiro Júnior declarou que havia estabelecido governo e que prendeu os que não estavam como Rio Grande no município de Soledade. Segundo o telegrama, o efetivo dos revoltosos era de 1500 homens (PAULA, 1972, p. 32).

Em resposta ao acontecimento, o interventor federal deslocou tropas da Brigada Militar a fim de combater os revoltosos soledanenses. O confronto teve seu momento máximo às margens do rio Fão no dia 13 de setembro de 1932 e ficou conhecido como o Combate do Fão⁴. Porém, o fim do conflito armado não significou o fim das disputas políticas existentes na região e no estado⁵.

Os desdobramentos políticos decorridos do confronto às margens do rio Fão não podem ser ignorados na tentativa de compreender a complexa conjuntura política da região. O próprio interventor Flores da Cunha buscou estabelecer um acordo para pacificar a situação na região de Soledade,

“(…) depois do combate do Fão, (...) Flores da Cunha, procurou entendimento com

⁴ Alguns dados sobre o combate do Fão apontam para um número em torno de 100 homens que enfrentaram os soldados da Brigada Militar. (PAULA, 1972, p. 79)

⁵ O conflito que envolveu Soledade se encerrou no dia 5 de outubro de 1932, numa reunião com os militares rebelados e com o representante do interventor federal Flores da Cunha. (PAULA, 1972, p. 93).

o General Cândido Carneiro Júnior, para um acordo. O General Candoca tinha ainda gente reunida e pretendia continuar na revolução e, quando não mais lhe fosse possível aqui, passaria para São Paulo, tomar parte nas suas trincheiras.” (VERDI, 1987, p. 83)

Segundo Garibaldi Almeida Wedy, “a luta armada [1932] desencadeou, entre os soledadenses, desconfiança, ressentimento e ódio. Enfim, cicatrizes aparentes, visíveis e permanentes, como consequência da guerra civil, permaneceram como impressão de uma ofensa ou desgraça em muitos soledadenses.” (1999, p. 31)

Com o que foi exposto acima, podemos perceber que os acontecimentos decorrentes do posicionamento político tanto do interventor Flores da Cunha como da FUG de Soledade contribuíram para uma alteração da história política regional. Assim sendo, passaremos a apresentar alguns acontecimentos da história política de Soledade, que a nosso entender, possibilitam uma compreensão da política regional-local. Apresentamos as disputas entre os grupos oposicionistas de Soledade e o governo estadual, o qual buscou limitar a participação dos oposicionistas nas eleições.

4. ELEIÇÕES DE 1934 EM SOLEDADE: PRÁTICAS POLÍTICAS E O USO DA VIOLÊNCIA

Após a revolta de 1932 a situação política em Soledade permaneceu instável. A violência era a expressão do poder local. Segundo Wedy, “em Soledade, onde a Revolução Constitucionalista teve apoio armado, luta campal, vicejou um duradouro clima de desconfiança, prevenção, discórdia, delação, repressão e agressão de toda ordem.” (1999, p. 35)

Neste cenário político ocorreu o enfrentamento do então prefeito Francisco Muller Fortes, do Partido Republicano Liberal, com a oposição, a Frente Única. A disputa política contribuiu para o agravamento da situação no município, o uso da violência se tornou prática corrente. Wedy declarou que “(...) para a Frente Única, o excesso e o trasbordamento arbitrário do prefeito, agravou-se com a criação dos bombachudos” (1999, p. 36). Na sequência, o autor destacou que “esta era a mais séria e contundente acusação ao prefeito. Para a oposição, os bombachudos não passavam de capangas do prefeito, porque eram pagos pelos cofres públicos, sob o título de trabalhadores nas ruas, e recrutados entre criminosos.” (Ibidem.)

Neste contexto de violência e disputas políticas que ocorreram as eleições de 14 de

outubro de 1934. “Entretanto, houve anulação da votação em determinadas seções eleitorais, em Soledade. Em consequência disso, aprou-se, em Soledade, uma eleição suplementar.” (WEDY, 1999, p. 37)

Wedy destaca que a vida política de Soledade entre os anos de 1934 e 1935 foi agitada e violenta. Telegramas enviados ao chefe de polícia relatam que a residência do general Cândido Carneiro foi assaltada por vários capangas do prefeito (1999, p. 37).

Noutro telegrama, também enviado ao chefe de polícia, assinado por Clóvis Cardoso, Kurt Spalding e Caio Graccho, alertava a respeito de andarem pessoas de maus precedentes dessa vila com atitudes suspeitas e com apoio das autoridades (...). Parece que para Soledade não entrou ainda em vigor a Constituição, os cidadãos classificados continuam vigiados por indivíduos desclassificados, ‘valentes’ profissionais. (WEDY, 1999, p. 38-39)

A violência gerada por questões políticas foram noticiadas reiteradas vezes nos jornais da capital gaúcha. Destacamos as notícias publicadas no jornal Correio do Povo relatando o assassinato de Kurt Spalding⁶ e o ferimento em Cândido Carneiro Júnior.⁷

A respeito do processo eleitoral, Soledade foi palco de perseguições aos opositoristas: “os trabalhos da Justiça Eleitoral pediram *habeas-corpus* para o eleitorado opositorista de Soledade”. Wedy destaca ainda que “a perseguição política aos eleitores da Frente Única não cessava. Os eleitores da Frente Única sofriam intimidação, perseguição e coação, porque lançou o Governo o terror e o pânico entre os habitantes de Soledade.” (WEDY, 1999, p. 51)

A prática política estaria assim associada ao uso da violência. Esta interpretação pode contribuir para elucidar os acontecimentos ocorridos na Semana Santa de 1938 no sexto distrito de Soledade, inserindo os Monges Barbudos neste complexo contexto político no qual o uso da violência era prática corrente.

⁶ Kurt Spaldin era médico e participou ativamente da Revolta Constitucionalista de Soledade.

⁷ Os acontecimentos foram noticiados no jornal Correio do Povo, 15/12/1934; Diário de Notícias, 16/12/1934, p. 24. Correio do Povo, 17/12/ 1934; nesta edição, publicou-se o assassinato noticiando que eram três capangas do prefeito Francisco Muller Fortes, horário de meio-dia, assassinaram a tiros de revólver. No Correio do Povo, 22 /12/1934, p. 16, publicou-se o telegrama de *Candoca* ao Dr. Maurício Cardoso, declarando que passa bem, mas vai para Passo Fundo retirar bala. Diário de Notícias de 23/12/1934 noticiou o enterro de Kurt Spalding em Soledade.

5. MONGES BARBUDOS DE SOLEDADE NO CONTEXTO POLÍTICO DA DÉCADA DE 1930

Entre os anos de 1935 e 1938 um grupo de camponeses se reunia sob orientações religiosas. O local se encontrava entre os municípios de Soledade e Sobradinho. O início do grupo é incerto, tendo na figura do taumaturgo monge João Maria sua origem.

A residência de André Ferreira França (o Deca), o primeiro líder do grupo, teria se tornado um local de reunião dos adeptos da nova expressão religiosa. Um grande número de pessoas começou a frequentar as reuniões organizadas por ele. Esse fato tornou Deca indesejado, atraindo sobre si o desagrado de muitas pessoas da localidade que não aceitavam a crença por ele liderada gerando conflitos. Deca passou a se esconder, fato que explica sua ausência na capela em Bela Vista na Sexta-feira Santa, 14 de abril de 1938, que segundo a crença, seria a data do suposto retorno do monge João Maria, quando ocorreu o confronto com os soldados da Brigada Militar. O confronto conferiu notoriedade aos Monges Barbudos, sendo noticiados tanto na imprensa local como na capital.

Após o confronto, Deca resolveu se entregar. Na casa de um dos membros do movimento, José Crispim, esperou a chegada da polícia. Ao chegar o destacamento militar, Deca é morto a tiros. Seu corpo foi lançado numa cova, a qual permaneceu vigiada por policiais, pois esses temiam que os fiéis viessem desenterrá-lo, pois havia a crença de Deca não morreria e se isso ocorresse, ressuscitaria.

Um segundo líder do movimento é Anastácio Desidério Fiúza (o Tácio). Era Tácio que estava à frente dos fiéis na Semana Santa, sendo baleado e falecendo em 15 de abril de 1938.

Alguns ensinamentos religiosos se confrontavam com os interesses econômicos da região. No planalto médio gaúcho a plantação e o tratamento do fumo ocupavam significativa parcela da atividade econômica. O fumo teria sido indicado pelo monge como prejudicial à saúde (pois muitos dos soledanenses guardavam o fumo no interior de suas residências). Fato que desagradou os comerciantes da região que compravam a produção de fumo dos agricultores.

Os fiéis divulgavam que juntamente com o retorno do salvador, tudo seria reordenado, ou seja, os que pertenciam e tinham aceitado os ensinamentos da religião tornar-se-iam donos de todas as coisas na Terra e seriam salvos, destino contrário era esperado para os incrédulos.

Referente ao trabalho, historiografia e documentos não são concordantes, pois em alguns declaram que os Monges Barbudos não trabalhavam, pois acreditariam que todas as

suas necessidades seriam providas dos céus. Outros apontam que trabalhavam sim, mas produziam somente o suficiente para si e para os membros do grupo.

Divulgou-se a ideia de que eram comunistas, de serem pessoas que atentavam contra a moral e a família, bem como contra a Igreja. A respeito destas acusações temos o relato do Frei Clemente de Nova Bassano, então vigário da Paróquia Nossa Senhora da Soledade em Soledade:

Este ano foi um pouco agitado [1938] ainda em relação as autoridades e o vigário, em relação aos chamados Monges do sexto distrito. [...] É de se notar que os vigários foram os únicos que se interessaram para melhorar a sorte destes pobres coitados que só merecem compaixão. Foram acusados de comunistas, mas nada foi descoberto de tudo isso até hoje. [...] O que se descobriu em parte é que alguns que hoje não existem mais, teriam abusado da boa fé e canduro ou digo melhor da simplicidade deste povo da serra, o qual é religioso até ao extremo até a superstição, de tê-los desviado de alguns princípios religiosos. Porém até hoje não foi descoberto que eles faltassem de respeito às igrejas, as coisas sagradas, aos santos, aos sacerdotes, e à moral da família, do lar, e tão pouco desrespeitassem as famílias vizinhas⁸.

Na Semana Santa de 1938, como já referido, uma grande multidão se deslocou à capela de Santa Catarina. Os moradores e bodegueiros, como eram conhecidos os donos de pequenas casas de comércio, do distrito ficaram temerosos ao perceberem a chegada de inúmeras pessoas, pois como já era conhecida a crença de que “tudo seria de todos”, recearam por perder suas propriedades e suas posses.

A fim de obterem segurança, os comerciantes solicitaram proteção à força policial da localidade de Sobradinho, por ser a delegacia mais próxima daquela região. Como o número de policiais era insuficiente, foi solicitada a presença de tropas da Brigada Militar oriundas de Porto Alegre, Santa Maria e Passo Fundo.

O final deste encontro fatídico foi retratado no relatório apresentado ao Sr. Comandante Geral da Brigada Militar pelo então major José Rodrigues da Silva, sobre os acontecimentos ocorridos no município de Soledade, com o surto de “fanatismo religioso” praticado por elementos que se tornaram conhecidos por Monges Barbudos:

O número de adeptos proporções alarmantes e Tasso [Anastácio Fiúza] determinou uma reunião e marcha para o lugar denominado Bella Vista, onde existe uma igreja de que é padroeira Santa Catarina. Essa reunião efetuou no dia 12 de abril deste ano e a chave da igreja foi obtida mediante ameaças ao encarregado daquele templo. Tendo a população de Bella Vista, alarmada, pedido socorro às autoridades de Sobradinho, o delegado de polícia, Sr. Antônio Pedro Pontes, para lá se dirigiu acompanhado de praças do destacamento daquela cidade. Surpreendidos com a força os fanáticos fizeram alguns disparos de armas curtas e a força também fez uso

⁸ Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Soledade, Soledade-RS, livro n.º. 2, ano: 1934-1965.

de suas armas, ferindo o chefe Tasso que veio a falecer logo depois. Foram presos também 10 fanáticos que foram remetidos para Cachoeira e mais tarde postos em liberdade. Morto Anastácio Fiuza e apesar de batidos em Bella Vista, os fanáticos conduziram o cadáver para o lugar denominado "Rincão dos Bernabés", no 5º Distrito de Soledade e ali o conservaram insepulto durante quatro dias, isto é, até o dia 17 de abril, na estulta crença de que o morto ressuscitasse. Em torno desse prolongado velório reuniram-se para mais de 500 pessoas. De tal reunião e desobediência as regras da lei foram avisadas as autoridades de Soledade, que fizeram seguir imediatamente para o local uma força do destacamento da Brigada. A força, ao aproximar-se daquele enorme aglomerado de povo, foi recebida com tiros, fazendo também uso de suas armas, resultando a morte do fanático Benjamin Garcia e ferimento no soldado Oswaldo dos Santos e no fanático Marcolino Alves da Costa. A força efetuou a prisão de 104 fanáticos, entre os quais figurava Maria Candida Ferreira de Camargo, a Santa Catarina⁹. [sic]

Inseridos num contexto político conturbado, de disputas políticas, de disputas pelo poder local-regional e mesmo nacional, com a existência da propaganda anticomunista, podemos apontar que todas estas ocorrências tiveram significativa parcela na ocorrência da violência imposta ao grupo de camponeses, que mesmo sendo um grupo religioso se fez inserido na política regional.

Após percorrermos o contexto político da década de 1930, privilegiando um olhar regional do mesmo, salientamos que a análise do contexto político da história do Planalto Médio Gaúcho, especialmente a região de Soledade da década de 1930, possibilita uma oportunidade para a reflexão referente à história política regional, possibilitando igualmente um diálogo promissor entre o local e o regional. Percebendo estes campos de análise não como um simples reflexo das decisões nacionais, mas compondo-se de campos de disputas que estão sim inseridas no contexto das disputas políticas nacionais, mas apresentam especificidades próprias tanto do local como do regional.

Analisar o movimento sócio-religioso dos Monges Barbudos da perspectiva da política regional possibilita este diálogo não excludente, mas complementar entre local-regional e, em alguns pontos, nacional.

Por fim, a análise da política regional nos evidencia a presença da violência na política e esta pode ser uma das possibilidades de interpretação para a pergunta sobre o motivo da repressão imposta ao movimento dos Monges Barbudos. Sendo esta violência imposta ao grupo religioso uma expressão política no contexto da década de 1930.

⁹ Relatório apresentado ao Sr. Comandante Geral da Brigada Militar pelo major José Rodrigues da Silva - Porto Alegre, 12 de julho de 1938.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Luciano Aronne de. *Um olhar regional sobre o Estado Novo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- _____. Estado Novo: o fim das políticas regionais? *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXIII, n. 1, p. 172-191, junho 2007.
- _____. Elites políticas regionais: o caso das interventorias gaúchas. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 187-197, junho 2008.
- BELLINTANI, Adriana Iop. *Conspiração contra o Estado Novo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BORGES, Vavy Pacheco. Anos trinta e política: história e historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 159-182.
- CAPELATO, Maria Helena. *O movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CORTÉS, Carlos. *Política gaúcha (1930-1964)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário: Imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: ED. UFRJ; Ed. UFMG, 1997.
- FERRI, Gino. *Por que Encantado a favor de São Paulo?* Encantado: GRAFEN, 1998.
- FILATOW, Fabian. *Do sagrado à heresia: o caso dos Monges Barbudos (1935-1938)*. Porto Alegre: UFRGS, 2002 (Dissertação de Mestrado).
- _____. Religião e política: o caso dos Monges Barbudos (Rio Grande do Sul, 1935-1938). *Métis: história & cultura*, v. 1. n. 2, jul./dez. 2002. Caxias do Sul: Educus, 2003. p. 53 – 73.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Soledade na História*. Porto Alegre: Corag, 1975.
- GERTZ, René. Estado Novo: ditadura, autoritarismo ou totalitarismo? In: AXT, Gunter; SEELIG, Ricardo Vaz et al. (orgs.). *Da vida para a história: reflexões sobre a era Vargas*. Porto Alegre: Procuradoria-Geral de Justiça, Memorial do Ministério Público, 2005. p. 195-210.
- KUJAWA, Henrique Aniceto. *Cultura e religiosidade cabocla: Movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul – 1938*. Passo Fundo: UPF, 2001.
- PAULA, Jeziel de. *1932: Imagens Construindo a História*. Campinas/Piracicaba: Ed. da Unicamp/Ed. Unimep, 1998.
- PAULA, Jorge Augusto de. *O Fão: um episódio da revolução de 1932 no Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Passo Fundo: Ed. Serrador, 1972.
- PEREIRA, André e WAGNER, Carlos Alberto. *Monges barbudos e o massacre do fundão*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e castigo: conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

- TRINDADE, Hégio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). RS: Economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- VERDI, Valdemar Cirilo. *Soledade, das sesmarias, dos Monges Barbudos, das pedras preciosas*. Não-Me-Toque: Gesa, 1987.